

EFEITOS DA PANDEMIA DA COVID-19 NO COMÉRCIO INTERNACIONAL DO AGRONEGÓCIO BRASILEIRO¹

Renata Benício de Oliveira²
Manoel Alexandre de Lucena³
Eliane Pinheiro de Sousa⁴

Texto para Discussão -24

Texto Publicado em: 18/01/2021

Resumo: O agronegócio destaca-se como um dos setores mais dinâmicos da economia brasileira, considerando sua contribuição para o PIB e para a geração de divisas primordiais para as contas externas do país. Essa inserção no mercado internacional torna-se mais sensível às crises econômicas e choques externos, como é o caso da crise sanitária decorrente da pandemia do novo coronavírus (COVID-19). Nesse cenário, este texto buscou verificar os efeitos da pandemia da COVID-19 no comércio internacional do agronegócio brasileiro considerando os dois primeiros trimestres de 2019 e 2020. Para tal, foram considerados 25 segmentos do agronegócio brasileiro, conforme a agregação adotada pelo sistema de Estatísticas de Comércio Exterior do Agronegócio Brasileiro (AGROSTAT) do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA). Utilizaram-se valores e quantidades das exportações e importações brasileiras desses segmentos do agronegócio nos dois primeiros trimestres de 2019 e 2020, cujos dados foram colhidos na plataforma de Comércio Exterior (Comex Stat) do MDIC. Embora essa pandemia tenha gerado efeitos negativos sobre a demanda externa e a economia mundial, os resultados deste estudo revelam que o agronegócio obteve superávits comerciais nos dois trimestres dos dois anos analisados (pré-pandemia e durante a pandemia), podendo ser justificado pela redução dos valores dos produtos exportados devido à valorização do dólar frente ao real, o que, porém, encarece os preços dos insumos importados, tendendo a ser refletido nos preços internos. Verificaram também uma redistribuição dos recursos entre os segmentos, indicando uma pequena mudança nos padrões de consumo brasileiro por produtos externos.

Palavras-chave: COVID-19; comércio internacional; agronegócio brasileiro.

¹Texto para discussão do Observatório Socioeconômico da COVID-19, projeto realizado pelo Grupo de Estudos em Administração Pública, Econômica e Financeira (GEAPEF) da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) e que conta com financiamento da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul (FAPERS) por meio do Edital Emergencial 06/2020 como resposta à crise provocada pela pandemia da COVID-19.

²Mestranda em Economia, Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). E-mail: renatabenicio086@gmail.com.

³Graduando em Ciências Econômicas, Universidade Regional do Cariri (URCA). E-mail: manoelalex123@gmail.com.

⁴Professora Associada, Universidade Regional do Cariri (URCA). E-mail: pinheiroeliane@hotmail.com.

1 INTRODUÇÃO

O agronegócio ou *agribusiness* é um dos setores que contribui fortemente para a economia brasileira. Nesta linha, Castro (2019) salienta que o agronegócio representa uma importante parcela do Produto Interno Bruto (PIB), com participação média de 24% de 1996 a 2018, que embora oscile anualmente em decorrência da dinâmica dos preços, produtividade, volume de capital, trabalho empregado e outros fatores que afetam este setor, nota-se crescimento relativo entre alguns anos. A este respeito, o Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (CEPEA, 2020) aponta que, em 2019, o PIB do agronegócio brasileiro cresceu 3,81% em relação a 2018, e representou 21,4% do PIB total brasileiro de 2019.

Além destas repercussões positivas no PIB, esse setor se destaca na geração de divisas para o país, tendo em vista as vantagens comparativas e competitividade de diversas *commodities* no comércio exterior, como soja, milho, café, carne bovina e açúcar (SOSSA; DUARTE, 2019). Nesse sentido, o saldo da balança comercial do agronegócio foi superavitário de 1997 a 2019, com relevante quantitativo de US\$ 83,02 bilhões em 2019, bem como a expressiva participação nas vendas externas brasileiras, contribuindo com 42,3% e 43,2%, respectivamente, em 2018 e 2019 das exportações nacionais, conforme o Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA, 2020).

No horizonte deste crescimento, atrelado à economia mundial, sobretudo, desapontava uma crise sanitária com forte repercussão na economia. Em dezembro de 2019, o surgimento de um Novo Coronavírus (que causa a COVID-19, do inglês *Coronavirus Disease* e 19 em referência ao ano em que foram notificados os primeiros casos) causou transformações sociais, políticas e econômicas no mundo. Em 11 de março de 2020, a Organização Mundial da Saúde (OMS) declarou a COVID-19 como pandemia, caracterizando-a como uma doença infecciosa que ameaça as pessoas mundialmente (MARCELINO; SVERZUTI; TRIZOLIO, 2020). Esse cenário de potenciais contaminações, aceleração dos vírus e incapacidade de atendimento médico para todos os infectados, segundo Soendergaard *et al.* (2020), incentivou medidas de contenções e restrições de mobilidades sociais sem precedentes na história. Como foi o caso do Brasil, que, com a declaração de calamidade pública, em março de 2020, e na ausência de vacina ou outro método

eficiente de controle, adotou as medidas de quarentenas e isolamento social da população (SANTOS NETA; SOUZA; OLIVEIRA, 2020).

Tais medidas afetam diretamente a economia em seus diversos setores, já que, conforme Santos Neta, Souza e Oliveira (2020), com esta situação de pandemia, constatam-se dificuldades no escoamento da produção, seja por conta da escassa mão de obra, devido às quarentenas, como também as restrições adotadas pelos portos e outros países com medidas mais rigorosas em relação ao comércio internacional. Ademais, Schneider *et al.* (2020) argumentam que alguns analistas apontam que a situação de crise e deterioração da economia brasileira dificilmente poderão ser compensadas com o desempenho do comércio exterior.

Considerando estes questionamentos e o papel econômico do agronegócio para o Brasil, estudos como Marcelino, Sverzuti e Trizolio (2020), Schneider *et al.* (2020), Santos Neta, Souza e Oliveira (2020) têm buscado verificar em que medida a pandemia da Covid-19 afeta esse setor no âmbito do comércio exterior. Apenas este último foca no comércio internacional do agronegócio de janeiro a maio de 2019 e 2020, mas considera apenas sete *commodities* (soja, café, milho, algodão, arroz, trigo e feijão) e não leva em conta as importações deste setor. Este estudo preenche essa lacuna, visto que a análise das compras externas do país pode revelar potencial dependência externa, estar atrelado às dificuldades de produção interna, aumento dos preços nacionais, entre outros fatores.

Além dessa contribuição, este artigo considera 25 segmentos do agronegócio brasileiro, conforme a agregação adotada pelo sistema de Estatísticas de Comércio Exterior do Agronegócio Brasileiro (AGROSTAT) do MAPA. Esse conjunto de dados permite uma análise mais acurada deste setor, uma vez que contempla agricultura, pecuária, floricultura, fruticultura, mineração, apicultura e diversos outros segmentos.

Portanto, o objetivo deste texto é analisar os efeitos da pandemia da COVID-19 no comércio internacional do agronegócio brasileiro. Para tal, foram consideradas as receitas e as quantidades das exportações e importações mensais brasileiras dos setores do agronegócio no primeiro semestre de 2019 e 2020. Essas estatísticas são provenientes do sistema do Comércio Exterior (Comex Stat) do Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços (MDIC, 2020).

2 DISCUSSÃO

Esta seção discute o desempenho do agronegócio brasileiro no comércio exterior, nos dois primeiros trimestres de 2019 e 2020. A Tabela 01 apresenta os principais resultados concernentes às transações brasileiras no comércio internacional, considerando as informações, de maneira agregada, para os meses de janeiro a março, durante os anos de 2019 (antes da pandemia da COVID-19) e 2020 (durante a pandemia da COVID-19), visto que, embora a pandemia tenha sido oficializada em março de 2020, os primeiros casos foram registrados em dezembro de 2019.

De maneira geral, os valores exportados e importados alcançados pelos segmentos do agronegócio, bem como os saldos comerciais dos bens (exportações menos importações), não variaram de maneira expressiva. Além disso, o agronegócio obteve superávits comerciais no primeiro trimestre dos dois anos observados, com valores em torno dos 17 bilhões de dólares. Segundo a Secretaria de Estado de Agricultura, Pecuária e Abastecimento (SEAPA, 2020), do estado de Goiás, o agronegócio tem sido o principal setor a sustentar o superávit da balança comercial brasileira, não obstante os efeitos negativos da pandemia sobre a demanda externa e a economia mundial como um todo. Uma das possíveis justificativas para isso é a redução dos valores dos produtos exportados, em função da valorização do dólar frente ao real. Todavia, esse cenário encarece os preços dos insumos importados e tende a ser refletido nos preços internos.

Nesse contexto, ao se comparar os valores exportados nos primeiros meses de 2020 em relação aos registrados no início de 2019, tem-se que oito segmentos (produtos oleaginosos – exclusive soja, complexo soja, carnes, bebidas, produtos apícolas, demais produtos de origem animal, lácteos, complexo sucroalcooleiro e fibras e produtos têxteis) tiveram suas cifras aumentadas, sendo que os dois últimos se sobressaíram, ao alcançarem elevações de 35,94% e 69,81%, nessa ordem. No caso dos quatro primeiros, esse resultado pode ser explicado pelo aumento no *quantum* exportado, não obstante a redução nos seus preços médios, enquanto os restantes experienciaram elevações nas quantidades e nos preços. Os demais, por sua vez, obtiveram reduções, sobretudo, os segmentos de cereais, farinhas e preparações (46,07%) e animais vivos - exceto pescados (41,97%), cujas quantidades exportadas reduziram em 50,2%.

Tabela 01– Valores FOB (expressos em US\$1.000,00) das exportações e importações, saldo da balança comercial, quantidade líquida (toneladas) e variações nos preços médios dos segmentos (%), no primeiro trimestre dos anos de 2019 e 2020

Segmento	1º Trimestre									
	Exportações		Importações		Saldo comercial		Quantidade líquida		Variação nos preços médios (%)	
									Exportações	Importações
	2019	2020	2019	2020	2019	2020	2019	2020	2019	2020
Animais vivos (exceto pescados)	98.609	57.219	3.093	1.484	95.515	55.735	37.190	18.504	-14,74	108,86
Bebidas	77.841	89.880	151.654	161.174	-73.813	-71.293	-30.419	-276	-15,50	-21,61
Cacau e seus produtos	79.361	75.672	109.340	134.711	-29.979	-59.038	-20.242	-29.140	-4,07	-0,40
Café	1.364.339	1.282.151	15.696	21.204	1.348.643	1.260.947	581.796	536.985	35,59	-34,92
Carnes	3.427.961	4.012.200	112.628	102.277	3.315.333	3.909.923	1.518.872	1.661.523	-1,71	-20,13
Cereais, farinhas e preparações	1.339.352	722.368	791.533	705.943	547.819	16.425	4.346.484	756.364	9,46	-18,81
Chá, mate e especiarias	89.214	85.189	11.949	12.059	77.265	73.130	34.429	35.782	1,81	57,98
Complexo soja	7.088.344	7.225.205	26.082	47.483	7.062.262	7.177.723	19.409.043	20.459.360	-14,14	-10,64
Complexo sucroalcooleiro	940.522	1.278.499	10.649	11.729	929.873	1.266.771	3.234.499	4.299.309	1,92	312,44
Couros, produtos de couro e peleteria	436.570	371.775	41.219	38.226	395.350	333.549	130.200	112.994	103,42	23,82
Demais produtos de origem animal	212.279	228.583	69.704	76.228	142.575	152.355	72.511	78.679	19,40	61,82
Demais produtos de origem vegetal	306.436	272.501	166.023	173.870	140.412	98.631	108.660	89.969	86,66	27,12
Fibras e produtos têxteis	628.563	1.067.383	207.081	176.093	421.482	891.290	321.841	636.232	83,78	1,32

Frutas (inclui nozes e castanhas)	222.087	203.562	154.438	143.435	67.649	60.126	120.310	122.618	-5,73	-14,76
Fumo e seus produtos	559.446	351.847	11.247	12.927	548.198	338.920	132.649	91.571	-32,96	46,02
Lácteos	15.639	18.923	129.077	98.858	-113.438	-79.935	-34.196	-21.969	15,10	5,30
Pescados	51.848	45.981	408.025	368.955	-356.177	-322.974	-97.567	-95.991	0,72	2,19
Plantas vivas e produtos da floricultura	1.717	1.579	9.659	8.834	-7.943	-7.255	-1.048	-996	100,86	8,73
Produtos alimentícios diversos	163.492	162.487	87.345	89.584	76.147	72.903	72.804	66.684	2,66	-12,59
Produtos apícolas	14.734	15.334	0	1	14.734	15.334	4.662	7.463	35,46	202,56
Produtos florestais	3.558.741	2.763.323	369.228	333.198	3.189.514	2.430.125	6.037.110	5.957.905	-51,77	57,77
Produtos hortícolas, leguminosas, raízes e tubérculos	26.121	24.841	227.479	259.146	-201.357	-234.305	-220.360	-208.357	-3,10	3,99
Produtos oleaginosos (exclui soja)	48.519	49.416	227.144	247.331	-178.625	-197.915	-26.669	-47.119	-38,29	-24,36
Rações para animais	63.936	60.785	65.328	72.058	-1.392	-11.274	34.262	24.081	-74,46	21,90
Sucos	468.255	391.169	3.498	3.333	464.757	387.836	544.492	483.156	-9,98	5,82
Total	21.283.925	20.857.873	3.409.120	3.300.139	17.874.805	17.557.734	36.311.314	35.035.330	31,18	38,11

Fonte: Elaboração dos autores com base nos dados do MDIC (2020).

Segundo o Globo Rural (2020), baseada em uma avaliação da Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA), alguns dos principais produtos que tiveram aumentos em sua demanda foram a soja, o algodão, a carne bovina *in natura* e a carne de frango *in natura*, tendo como principal razão a variação na demanda asiática, sobretudo, a chinesa, em parte explicada pelo problema da peste suína africana que o país tem enfrentado. Nos casos das compras chinesas de carne bovina e do algodão, por exemplo, o aumento foi de 124,7% e 119,1%, respectivamente, em

relação ao primeiro trimestre de 2019. Por outro lado, um dos cereais que mais teve suas exportações reduzidas foi o milho, que registrou um valor exportado 51% inferior ao de 2019, devido à forte queda nos preços, decorrente das incertezas provocadas pela pandemia, bem como da redução dos estoques. A isso, SEAPA (2020) acrescenta a redução da demanda estadunidense frente às medidas de isolamento social, em decorrência da consequente diminuição da procura por etanol, bem como pela queda nos preços do petróleo. Já no caso dos animais vivos, Pila (2020) explica que houve uma queda na demanda, sendo que a Índia, principal compradora em 2019, diminuiu suas compras em mais de 70%.

Paralelamente, fazendo-se essa mesma análise para os valores das importações, constata-se que 14 segmentos passaram por elevações nessa variável, sendo eles: produtos alimentícios diversos; produtos oleaginosos – exclusive soja; bebidas; cacau e seus produtos; café; produtos hortícolas, leguminosas, raízes e tubérculos; chá, mate e especiarias; demais produtos de origem vegetal; demais produtos de origem animal; complexo sucroalcooleiro; rações para animais; fumo e seus produtos; complexo soja⁵; e produtos apícolas. Nesse sentido, destacaram-se o penúltimo, que aumentou seus valores em 82,05%, e o último, que os elevou em 263,64%. As variações positivas nos cinco primeiros segmentos se deveram a aumentos somente na quantidade exportada, enquanto o segmento de produtos hortícolas, leguminosas, raízes e tubérculos teve acréscimos apenas no preço médio e os demais passaram por elevações em ambas as variáveis.

Assim, nota-se que houve uma redistribuição dos recursos entre os segmentos, o que indica uma pequena mudança nos padrões de consumo brasileiro por produtos externos, reflexo da incerteza causada pelo início da pandemia, quando sua dimensão e consequências, principalmente econômicas e sociais, ainda eram totalmente desconhecidas. Sequeira (2020) explica que o aumento das importações de soja pelo Brasil foi em grande parte negociada com o Paraguai e se deveu à necessidade de reposição de estoques, frente às exportações para a China. Por outro lado, entre aqueles cujos valores foram reduzidos, as maiores variações foram nos lácteos (23,41%) e animais vivos – exceto pescados (52,04%). SEAPA (2020) destaca que os produtos do segmento

⁵ Apesar do aumento dos valores das importações, observou-se que os preços médios dos bens importados desse segmento, bem como suas quantidades, registraram reduções. Tal inconsistência está possivelmente associada à indisponibilidade de dados dos produtos deste setor em todos os meses considerados.

que possuem maior valor agregado, como queijos, iogurtes e manteigas, possuem alta elasticidade-renda, o que contribui para a redução em sua demanda e, por conseguinte, nas importações.

Em termos de saldo comercial, no primeiro trimestre de 2019, assim como no de 2020, nota-se que, dos 25 segmentos do agronegócio, somente oito (bebidas; lácteos; pescados; plantas vivas e produtos de floricultura; produtos oleaginosos – exceto soja; produtos hortícolas, leguminosas, raízes e tubérculos; cacau e seus produtos; e rações para animais) tiveram saldo comercial negativo, sendo que, no caso dos quatro últimos, este se mostrou maior em 2020, com variações de 10,80%, 16,36%, 96,93% e 709,91%, nessa ordem. Ademais, tais segmentos foram os únicos cuja quantidade importada foi maior que a exportada, sendo que apenas os segmentos de produtos oleaginosos e cacau e seus produtos atingiram níveis de importação superiores àqueles alcançados em 2019. Em contrapartida, entre os segmentos com saldo comercial positivo, a maior elevação foi registrada pelo segmento de fibras e produtos têxteis, com 111,47%, em razão de aumentos nos preços médios de exportação e nas quantidades exportadas em nível superior às elevações nos preços médios de importação e *quantum* importado. Em termos absolutos, verifica-se que, nos dois períodos considerados, o complexo soja registrou o maior saldo positivo, com valores ligeiramente acima de 7 bilhões de dólares, enquanto o de pescados alcançou o maior déficit comercial, com valores negativos acima dos 320 milhões de dólares.

A Tabela 02 exhibe os principais dados relacionados às transações brasileiras no comércio internacional, considerando as informações, de maneira agregada, para os meses de abril a junho, durante os anos de 2019 e 2020, abrangendo, portanto, o mesmo período antes e durante a pandemia do coronavírus. Diferentemente do primeiro trimestre, percebe-se que as oscilações nas variáveis analisadas foram consideráveis. Os valores totais das exportações do segundo trimestre de 2020 foram maiores que aqueles registrados no mesmo período de 2019, com um aumento equivalente a 16,45%, enquanto o inverso ocorreu com as cifras das importações, que reduziram em 18,58%, o que resultou em uma elevação de 21,43% do saldo da balança comercial. Assim, o agronegócio obteve superávits comerciais no primeiro trimestre dos dois anos observados, com valores em torno dos 22 bilhões de dólares (em 2019) e 27 bilhões de dólares (em 2020). Segundo Barros e Castro (2020), esse efeito é favorecido, entre outros fatores, pela desvalorização do real frente ao dólar, o que ameniza a queda dos preços decorrentes do desaquecimento da economia global; e pela baixa elasticidade-renda de produtos alimentares essenciais.

Ao se averiguar o desempenho de cada segmento, tem-se que, em termos monetários, as exportações de 11 - plantas vivas e produtos de floricultura; complexo soja; chá, mate e especiarias; demais produtos de origem animal; lácteos; rações para animais; produtos alimentícios diversos; produtos hortícolas, leguminosas, raízes e tubérculos; complexo sucroalcooleiro; produtos apícolas; e produtos oleaginosas, exceto soja - foram elevadas, sendo que os três últimos atingiram aumentos superiores a 50%. O desempenho dos três primeiros ocorreu em função de aumentos nos preços médios e nas quantidades, enquanto o dos restantes decorreu de elevações apenas nas quantidades. No tocante aos segmentos que apresentaram reduções, as quedas mais expressivas foram obtidas pelos segmentos de couros, produtos de couro e peleteria (45,71%); animais vivos, exceto pescados (37,65%) e cereais, farinhas e preparações (36,09%), devido à diminuição considerável tanto nos preços médios como no *quantum* exportado.

Por outro lado, no que tange aos valores das importações, verifica-se que somente quatro – fumo e seus produtos; rações para animais; complexo sucroalcooleiro; e complexo soja – aumentaram suas cifras, sendo que este apresentou a maior variação positiva, com 272,40%, pelo fato das toneladas importadas crescerem em 319,75%. Exceto pelo complexo soja, que teve seus preços médios reduzidos, os demais registraram elevações nos preços médios e nas quantidades importadas. Entre aqueles que tiveram seus valores reduzidos, quatro deles (animais vivos - exceto pescados; cacau e seus produtos; fibras e produtos têxteis; e pescados) registraram quedas superiores a 50%, ao passo que o segmento de produtos apícolas não realizou importações. Esse resultado é justificado pela forte redução nos preços médios e, sobretudo, nas quantidades importadas (exceto pelo segmento de animais vivos, exclusive pescados, cujas quantidades aumentaram quase 80%, percentual inferior à queda em seus preços médios, 87,5%).

Tabela 02 - Valores FOB (expressos em US\$1.000,00) das exportações e importações, saldo da balança comercial, quantidade líquida (toneladas) e variações nos preços médios dos segmentos (%), no segundo trimestre dos anos de 2019 e 2020

Segmento	2º Trimestre									
	Exportações		Importações		Saldo comercial		Quantidade líquida		Variação nos preços médios (%)	
									Exportações	Importações
	2019	2020	2019	2020	2019	2020	2019	2020	2019	2020
Animais vivos (exceto pescados)	136.346	85.014	2.707	1.165	133.639	83.849	53.948	34.054	-71,54	-87,49
Bebidas	77.364	54.612	176.000	129.592	-98.635	-74.980	-30.005	-28.067	0,77	-10,02
Cacau e seus produtos	87.898	71.561	69.574	31.874	18.324	39.686	-1.809	7.726	3,65	-24,82
Café	1.203.295	1.253.465	20.198	15.604	1.183.097	1.237.860	557.131	546.202	-11,10	16,47
Carnes	4.036.310	4.270.390	96.637	80.649	3.939.673	4.189.741	1.781.841	1.870.348	-14,96	-24,95
Cereais, farinhas e preparações	581.918	371.902	716.606	691.437	-134.688	-319.535	278.444	-1.455.484	-18,53	20,49
Chá, mate e especiarias	61.057	88.224	12.653	12.534	48.404	75.690	22.775	42.670	117,99	85,89
Complexo soja	11.499.541	16.123.324	13.208	49.188	11.486.333	16.074.136	33.042.629	47.293.030	7,68	-15,20
Complexo sucroalcooleiro	1.251.842	1.895.142	11.268	12.544	1.240.574	1.882.598	4.260.572	6.802.544	-4,79	11,01
Couros, produtos de couro e peleteria	397.836	215.995	42.217	22.091	355.619	193.904	106.944	79.204	-44,34	-25,86
Demais produtos de origem animal	223.201	237.489	77.740	69.682	145.461	167.807	83.264	90.070	-24,35	92,61
Demais produtos de origem vegetal	309.917	259.560	158.746	153.981	151.171	105.579	96.579	133.755	-92,16	-55,19
Fibras e produtos têxteis	477.521	383.099	170.307	73.493	307.213	309.606	231.945	238.014	-51,86	-14,76

Frutas (inclui nozes e castanhas)	215.648	182.548	144.953	103.823	70.695	78.725	79.018	89.578	-3,84	-8,28
Fumo e seus produtos	424.968	306.471	10.700	12.379	414.267	294.092	107.299	88.347	-35,32	132,84
Lácteos	12.788	14.752	114.977	75.603	-102.190	-60.851	-30.888	-15.540	-13,24	-4,68
Pescados	47.151	44.499	287.766	121.984	-240.616	-77.485	-65.041	-31.298	-14,54	-9,99
Plantas vivas e produtos da floricultura	3.184	3.577	16.158	11.421	-12.974	-7.843	-993	-228	72,22	-53,80
Produtos alimentícios diversos	182.187	235.304	88.746	77.703	93.442	157.602	82.413	131.090	-10,48	2,41
Produtos apícolas	18.819	28.719	0,41	0	18.819	28.719	6.788	12.826	-0,13	-100,00
Produtos florestais	3.637.142	2.910.544	384.168	286.063	3.252.974	2.624.481	6.199.106	6.494.592	-28,29	-52,62
Produtos hortícolas, leguminosas, raízes e tubérculos	40.803	53.789	257.756	248.662	-216.953	-194.873	-295.177	-304.444	-16,46	-51,33
Produtos oleaginosos (exclui soja)	53.217	88.877	216.924	200.479	-163.707	-111.602	-52.981	-9.407	-20,51	106,20
Rações para animais	68.926	85.063	75.063	96.108	-6.137	-11.045	39.788	38.278	-63,38	2,01
Sucos	405.056	376.247	3.658	2.080	401.397	374.167	463.482	513.600	-8,80	28,87
Total	25.453.935	29.640.168	3.168.733	2.580.138	22.285.202	27.060.030	47.017.073	62.661.459	-61,83	-10,85

Fonte: Elaboração dos autores com base nos dados do MDIC (2020).

Em termos de saldo comercial, quando se compara o segundo trimestre de 2020 com o mesmo período em 2019, observa-se que, em ambos os momentos, oito segmentos (bebidas; lácteos; pescados; plantas vivas e produtos de floricultura; produtos hortícolas, leguminosas, raízes e tubérculos; produtos oleaginosos, com exceção da soja; cereais, farinhas e preparações; e rações para animais) registraram déficits, sendo que os dois últimos foram os únicos que apresentaram aumento desse saldo negativo, com variações de 79,98% e 137,24%, nessa ordem, principalmente,

pelo fato de seus preços médios de importações se mostrarem consideravelmente superiores aos de exportações. Quanto aos demais, o principal motivo foi a importação de quantidades maiores que as exportadas, em ambos os períodos.

Em contrapartida, entre aqueles que obtiveram valores positivos nessa rubrica, destaca-se a elevação ocorrida no segmento de cacau e seus produtos, que aumentou seu saldo em 116,58%, sobretudo pela redução das quantidades importadas em torno de 51%. Em termos absolutos, tem-se que o complexo soja apresentou o maior superávit no segundo trimestre de ambos os anos, com valores em torno dos US\$11 bilhões, em 2019, e US\$16 bilhões em 2020, enquanto os segmentos de pescados e de cereais, farinhas e preparações demonstraram os maiores déficits, sendo o primeiro em 2019 e o segundo em 2020, com cifras de cerca de 240 milhões de dólares e 319 milhões de dólares, respectivamente.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O agronegócio brasileiro tem se apresentado em anos recentes como um dos setores mais dinâmicos da economia brasileira, considerando sua contribuição para o PIB, bem como para a geração de divisas primordiais para as contas externas do país. Essa inserção no mercado internacional, no âmbito de uma economia cada vez mais globalizada, torna-se mais sensível às crises econômicas e choques externos. É neste cenário de crise que o agronegócio se defronta em 2020, em decorrência da pandemia do novo coronavírus (COVID-19).

À luz destes elementos, este texto buscou verificar os efeitos da pandemia da COVID-19 no comércio internacional do agronegócio brasileiro levando em consideração o primeiro semestre de 2019 e 2020, sendo este período subdividido de janeiro a março, que corresponde ao primeiro trimestre; e abril a junho, segundo trimestre. Esse lapso temporal permitiu captar o comportamento das exportações e importações antes e durante a pandemia da COVID-19.

Os resultados indicam que o agronegócio obteve superávits comerciais nos dois trimestres dos dois anos observados, sendo que, no segundo trimestre, estes valores foram mais expressivos. O aumento no saldo da balança comercial, de 21,43%, ocorreu em virtude dos valores totais das exportações do segundo trimestre de 2020 serem maiores que aqueles registrados no mesmo

período de 2019, com um aumento equivalente a 16,45%, enquanto o inverso ocorreu com o montante das importações, que reduziram em 18,58%.

Em termos desagregados, dos 25 segmentos do agronegócio contemplados neste estudo, somente oito tiveram saldo comercial negativo no primeiro trimestre de 2019, assim como no de 2020. Iguais inferências foram constatadas ao comparar o segundo trimestre de 2020 com o mesmo período em 2019. Apesar de uma leve diferença entre os segmentos que apresentaram déficit neste período, não se verificam substanciais discrepâncias, neste sentido, quando se compara 2020 a 2019.

Verificaram resultados mais satisfatórios para o mercado internacional do agronegócio brasileiro no segundo trimestre dos dois anos, especialmente em 2020, apesar de ser o período mais crítico da pandemia, o que mitiga as dificuldades criadas por essa crise sanitária, como as medidas de isolamento em massa, as restrições impostas pelos países ao comércio e as dificuldades de escoamento da produção. O impacto destes elementos foi atenuado pela desvalorização do real frente ao dólar que incentiva as exportações em detrimento das importações.

Esse comportamento cambial, que permite preços mais competitivos no comércio exterior, associado à baixa elasticidade-renda de alguns segmentos, especialmente os gêneros alimentícios, minimizaram os efeitos prejudiciais da pandemia no comércio internacional, colocando o agronegócio como um setor dinâmico e relevante para o Brasil diante da crise sanitária e, por conseguinte, a crise econômica em nível mundial gerada pela COVID-19.

Diante desse contexto, apesar de relativamente cedo para um prognóstico, em termos de retomada da economia com a abertura paulatina dos mercados, pode-se enxergar o comércio internacional do agronegócio brasileiro como um setor que sofreu menos efeitos danosos ocasionados pela pandemia. Neste sentido, se sustentável a desvalorização cambial e a competitividade de alguns segmentos agropecuários no segundo semestre de 2020, espera-se uma expressiva participação do agronegócio nas exportações nacionais, conforme fora observada em anos anteriores recentes.

REFERÊNCIAS

BARROS, G. S. C.; CASTRO, N. R. **Especial Coronavírus e o Agronegócio: impactos no PIB e no mercado de trabalho do agronegócio**. Piracicaba: Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada - ESALQ/USP, v. 2, abr. 2020.

CASTRO, N. R. **Produtividade do trabalho cresce mais no agronegócio que no Brasil e impulsiona PIB do setor**. Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada, 2019. Disponível em: <https://www.cepea.esalq.usp.br/br/opinio-cep/pea/produtividade-do-trabalho-cresce-mais-no-agronegocio-que-no-brasil-e-impulsiona-pib-do-setor.aspx>. Acesso em: 27 nov. 2020.

CENTRO DE ESTUDOS AVANÇADOS EM ECONOMIA APLICADA - CEPEA. **PIB do agronegócio**. Disponível em: [https://www.cepea.esalq.usp.br/upload/kceditor/files/Cepea_PIB_CNA_2019\(1\).pdf](https://www.cepea.esalq.usp.br/upload/kceditor/files/Cepea_PIB_CNA_2019(1).pdf). Acesso em: 27 nov. 2020.

GLOBO RURAL. **Exportações do agronegócio brasileiro fecham 1º trimestre com queda de 0,4%**. [S. l.], 08 abr. 2020 Disponível em: <https://revistagloborural.globo.com/Noticias/Agricultura/noticia/2020/04/exportacoes-do-agronegocio-brasileiro-fecham-1-trimestre-com-queda-de-04.html>. Acesso em: 08 dez. 2020.

MARCELINO, J. A.; SVERZUTI, A. R. O.; TRIZOLIO, B. L. G. S. Agronegócio brasileiro e o comportamento do setor em meio às crises econômicas e os impactos sofridos pela pandemia da Covid-19. **Boletim de Conjuntura (BOCA)**, Boa Vista, v. 3, n. 9, 2020.

MINISTÉRIO DA AGRICULTURA, PECUÁRIA E ABASTECIMENTO -MAPA. **Estatísticas de comércio exterior**. Disponível em: <https://www.gov.br/agricultura/pt-br/assuntos/relacoes-internacionais/estatisticas-de-comercio-exterior>. Acesso em: 07 dez. 2020.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA, COMÉRCIO EXTERIOR E SERVIÇOS - MDIC. 2020. **Comex Stat**. Disponível em: <http://comexstat.mdic.gov.br/pt/home>. Acesso em: 23 nov. 2020.

PILA, J. **Exportação brasileira de bovinos vivos diminui no primeiro trimestre de 2020**. Bebedouro, 15 abr. 2020. Disponível em: <https://www.scotconsultoria.com.br/noticias/artigos/52379/exportacao-brasileira-de-bovinos-vivos-diminui-no-primeiro-trimestre-de-2020.htm#:~:text=No%20primeiro%20trimestre%20de%202020%2C%20o%20faturamento%20com%20a%20exporta%C3%A7%C3%A3o,Figura%201.&text=Em%20todos%20os%20meses%20deste%20ano%20a%20quantidade%20exportada%20foi%20menor>. Acesso em: 08 dez. 2020.

SANTOS NETA, M. C.; SOUZA, M.; OLIVEIRA, L. Impacto da pandemia de Covid-19 na exportação de algumas commodities e produtos agrícolas brasileiros. *In*: Sociedade Brasileira de



Economia, Administração e Sociologia Rural, 58., 2020. **Anais** [...]. Foz do Iguaçu: SOBER, 2020.

SCHNEIDER, S.; CASSOL, A.; LEONARDI, A.; MARINHO, M. M. Os efeitos da pandemia da Covid-19 sobre o agronegócio e a alimentação. **Estudos Avançados**, v. 34, n. 100, p. 167-188, 2020.

SECRETARIA DE ESTADO DE AGRICULTURA, PECUÁRIA E ABASTECIMENTO–SEAPA. **Conjuntura Agro** – especial impactos do novo coronavírus (covid-19) 2020. Goiânia: SEAPA, 2020.

SEQUEIRA, D. 2020, **A Year When Brazil Imported US Soybeans**. [S. l.], 01 dez. 2020. Disponível em: <https://ocj.com/2020/12/2020-a-year-when-brazil-imported-us-soybeans/>. Acesso em: 08 dez. 2020.

SOENDERGAARD, N.; GILIO, L.; SÁ, C. M.; JANK, M. S. Impactos da Covid-19 no agronegócio e o papel do Brasil. **Texto para discussão nº 2**. INSPER: Centro de Agronegócio Global, jun. 2020.

SOSSA, C. O.; DUARTE, L. B. Análise da competitividade internacional do agronegócio brasileiro no período de 2003 a 2013. **Desenvolvimento em Questão**, v. 17, n. 49, p. 59-78, out. 2019.

